IN MEMORIAM

Fernando partiu de maneira inesperada no dia 24 de fevereiro de 2021, poucos dias antes do lançamento deste dossiê co-organizado por nós dois. Em nossas conversas ao longo dos anos, e sobretudo nas destes últimos meses, eram notáveis seu cavalheirismo, a gentileza, a ética, a generosidade e o acolhimento.

Conversar com ele era um deleite, pois era cheio de histórias temperadas com vocabulário rocambolesco – aliás, ele foi a única pessoa que ouvi usar a palavra “melíflua” no discurso falado, e ele o fez de forma melíflua, não tenham dúvidas. Tive o privilégio de ouvi-lo contar a história de Bárbara dos Prazeres, a Bruxa do Arco do Teles, em uma noite quente no próprio Arco do Teles comendo um “paxtel de coxela” e tomando uma “cehveja Ixtela”. Muito aprendi sobre Decadentismo, Baudelaire, gótico clássico e Lucio Cardoso em suas falas apaixonadas.

Companheiro, é com os dedos pesados que escrevo essas palavras e tento terminar o belo trabalho que fizemos juntos. Espero que, acolhido e confortado pelos seus orixás, você fique contente com o resultado e com os depoimentos que seguem, os quais não chegam perto de dimensionar a diferença que faz na vida de colegas e alunos.

Claudio Zanini, UFRGS

“Ainda sob o impacto de sua partida, lamento a perda do pesquisador, do docente, do amigo e do leitor dedicado e delicado que ele era (sempre muito bom poder contar com Fernando para partilhar apontamentos de leitura). Esteve presente em alguns dos momentos mais felizes em minha vida acadêmica, da banca de doutorado e dos colóquios de estudos do Decadentismo à participação no Seminário Travessias-LABELLE e aos eventos do Grupo de Estudos do Gótico. Hoje matéria de memória, penso em nossos encontros aleatórios pelo bairro do Flamengo: no aterro, na frente do Edifício Seabra (conhecido pelas más línguas como o Dakota carioca) ou na Marquês de Abrantes -- rua de nome aristocrático, como o Fernando, que descendia do Barão de Guaraciaba e do Visconde de Congonhas do Campo e era, sem a menor dúvida e acima de tudo, um aristocrata do espírito. Vai na paz, meu amigo. Vamos sentir sua falta.” Marcus Salgado, UFRJ

“‘Carminha, você precisa conhecer o Fernando’. Essa foi a primeira voz que me falou dele. A voz era de Gilda Salem Sklo, amiga querida, pesquisadora e professora de literatura brasileira e francesa da UFRJ e orientadora do Fernando que levava para as pessoas o delicado gesto da poesia transformado em generosidade, ternura, amizade. A voz de Gilda trouxe o Fernando e com ele também vieram a mesma gentileza, sensibilidade, humanidade no seu sentido pleno. Com ambos, aprendi que o sentido da vida é maior, e mais rico, que o de um Lattes ou dos holofotes do prestígio; aprendi que humanidade reside nos pequenos gestos, traços e olhares e não na disciplina “Humanidades”. A partida dele reacende a presença da Gilda, do encontro, da saudade. Mas, ambos deixam um presente raro: a indelével marca do demasiado humano que, se me deixou mais saudosa, me fez rica e honrada de tê-los tido tão perto.” Carmem Negreiros, LABELLE/UERJ

“Afeiçoo-me aos clichês. Curiosamente, ou de forma ridícula, vejo neles beleza e poesia...Pequenos e breves encontros trazem grandes surpresas, apenas para citar um deles!! Eis que em 2019, em Porto Alegre, durante o III Seminário de Estudos do Gótico, tive a honra de me aproximar do Prof. Fernando Monteiro de Barros. De nossas trocas acadêmicas, participação em projetos, pesquisas e presença em bancas, surgiram conversas sobre aflições pandêmicas, família, saúde...e tudo muito breve, e tudo muito rápido, e tudo muito clichê!! Hoje encontrei um vídeo no Youtube em que o Prof. Fernando abre sua fala com o poema de Oswald de Andrade, “Longo da Linha”, composto pelos versos: Coqueiros / Aos dois / Aos três / Aos grupos / Altos / Baixos. Após a leitura ele questiona: “Vocês ficam se perguntando...bem, e daí? E daí? O poema parece dizer as coisas mais óbvias! Por que isso seria um poema?”. Com toda sua “elegância acadêmica”, prof. Fernando comprova a grandeza dos versos e ao final atesta que “Nenhum verso é igual ao outro, há sempre uma surpresa, há sempre uma diversidade”. Fico com uma sensação de que talvez nada seja tão breve, curto ou baixo que não nos traga uma linda surpresa...ah, os clichês!!!! Obrigada, “Lord” Fernando!” Fabianna Carneiro – UFG Catalão

“Conheci Fernando há cerca de dez anos, quando li um antigo ensaio dele sobre vampiros e estéticas finisseculares no Brasil. Fiquei impressionado por como, em fins dos anos 1990, ele, sozinho, estabeleceu as fundações do que viria a ser a tradição de estudos das poéticas negativas no Brasil. Em 2014, mais próximos, fundamos o Grupo de Pesquisa Estudos do Gótico. Sempre muito discreto, ele nunca quis a liderança, que acabou cabendo a mim, muito embora, por merecimento, essa posição devesse ter sido sua. Foi uma das pessoas mais gentis que conheci

na academia, e eu o chamava de Conde Monteiro de Barros, o último de nossos dândis. A paixão e o brilho com que falava de decadência e modernidade contagiava a todos que tivemos a honra de ouvi-lo. Da falta que ele já está fazendo, nós, seus amigos, nunca vamos nos recuperar.”
Julio França – UERJ

“Conheci Fernando Monteiro de Barros, que evitava o Júnior, no correr da década de 1980, quando ambos cursamos graduação em Letras no Instituto de Letras da UERJ. Em 1990, fomos colegas na especialização (pós-graduação lato sensu) em literatura portuguesa na mesma UERJ. Em 1995 nos reencontramos em um concurso para a Faculdade de Formação de Professores da UERJ, no campus São Gonçalo, Fernando concorrendo à vaga para professor de literatura brasileira, eu, de literatura portuguesa. Não passamos em primeiro lugar, mas fomos contratados no mesmo semestre como professores substitutos. Cerca de um ano à frente, veio a nossa efetivação. De 2000 a 2004, atuamos em parceria na chefia do Departamento de Letras daquela Faculdade, eu como chefe, ele como subchefe. Nesse período, criamos a especialização (pós-graduação lato sensu) em estudos literários, embrião dos programas de pós-graduação stricto sensu que hoje lá existem. Fernando também foi parceiro na criação do grupo de pesquisa Nós do Insólito: vertentes da ficção, da teoria e da crítica, certificado pela UERJ junto ao Diretório de Grupos do CNPq, bem como do surgimento do Seminário Permanente de Estudos Literários (SePEL.UERJ), projeto de extensão que deu visibilidade às ações e produções do grupo de pesquisa. A despeito de momentos de difíceis em nossas relações, pois toda convivência sempre perpassa tortuosidades, Fernando contribuía permanentemente nas atividades e nas publicações em torno do insólito ficcional, com o que deixa importante, valiosa e imprescindível fortuna. Perdemos todos uma pessoa muito importante, que permanecerá viva nos produtos variados que nos deixa.” Flavio García, UERJ

"Fernando sempre se destacou pela gentileza, extrema solidariedade e muito afeto por todos os colegas. Deixa agora um imenso vazio na área da pesquisa e no coração de todos nós. Neste ano já tão difícil pela pandemia e pelo desrespeito à ciência e à cultura, sua partida nos deixa ainda mais desarmados." Maria Cristina Batalha, UERJ

“Poucas pessoas estiveram tão presentes ao longo da minha carreira acadêmica quanto o Fernando. Ele me viu dar os primeiros passos acadêmicos nos eventos do SEPEL. Acompanhou meu progresso na pós, compondo minha banca de mestrado e depois de doutorado. Fomos colegas de pesquisa no Estudos do Gótico. Colegas de trabalho na UERJ-FFP. Durante todo

esse tempo, nunca mudou, para mim, a perspectiva de que ele era alguém profundamente apaixonado pela literatura, e permeado por ela de tal forma que ele mesmo se tornava um pouco personagem. Assim, sua partida não tem tanto o sabor da vida interrompida quanto o da página fechada ao final de um bom livro, deixando vivas na memória as boas histórias que pudemos viver com ele.” Pedro Sasse, UFF

“Lembrar do Lorde e mestre do gótico brasileiro, Fernando Monteiro de Barros, é lembrar da sua presença sombria, no bom sentido do termo. Sempre disponível para trocas de ideias, pareceres, eventos do nosso grupo de trabalho da Anpoll e do nosso Estudos do Gótico. Apesar de nos conhecermos há pouco tempo, ficam as memórias dos belos textos, das palestras em eventos e da simpatia no trato com os amigos, alunos e colegas. Não é à toa o apelido de Lorde ou, alternativamente, de mestre dândi. Vá em paz, meu amigo, na luz de Oxalá!” Renata Philippov, UNIFESP

“Grandão em tamanho, onde chegava o querido Fernando logo parecia revelar paradoxos: o seu olhar doce, o seu sorriso leve, palavras de delicadeza ... grandão em sensibilidades ... e em gentileza! Por isso era o Lord, o nosso Lord.” Marisa Gama, UFU

“Foi com pesar que recebi a notícia da passagem do querido amigo e irmão Fernando Monteiro de Barros, mesmo sabendo que, em nossa história e dentro do que acreditamos, não há razão para isso.

Conhecíamos-nos há cerca de cinco ou seis anos e, desde a primeira vez que pudemos conversar e partilhar de espaços e situações acadêmicas em conjunto, desenvolvemos, para além de uma amizade, uma identificação. Fernando, um esteta aos moldes dos séculos XVIII e XIX, um gentleman vitoriano; eu, um ressurgido do mundo clássico e da Idade Média, mantis grego e bárbaro anglo-saxão ao mesmo tempo. Eram as nossas diferenças que nos aproximavam, que nos identificavam, que nos faziam queridos um ao outro.

A lembrança mais bela que guardo de Fernando é a do apreço que ele tinha — e que um dia verbalizou diretamente a mim — pelos textos de minha autoria: Fernando me disse que gostava muito de lê-los, pois tinha a sensação de que estava me ouvindo falar, e isso lhe agradava. Foi uma honra para mim ouvir isso dele, alguém que detinha um domínio parnasiano das artes da escrita e da fala.

Nas várias oportunidades em que pudemos partilhar da presença um do outro, a amizade e a identificação acabaram por se desenvolver também em fraternidade: descobrimos, entre uma

conversa e outra, sermos ambos adeptos da religiosidade afro-brasileira. Temos o Povo da Rua em nossas linhagens e, não por coincidência, somos filhos do mesmo Grande Pai Òṣàlá e da mesma Grande Mãe Ọṣùṇ, o que nos torna irmãos em espírito.

E em espírito Fernando permanece vivo, já que em nossa crença a morte é apenas passagem e libertação. Olhe por nós aí do Ọrun, querido amigo e irmão, agora livre e em paz, pois nós aqui ainda temos que seguir em frente, lutando, em meio aos horrores do vale de lágrimas que se tornou o Àiyé. Obrigado pelo reencontro nesta vida e pelo carinho compartilhado. Nos vemos em breve, pois tudo aqui não dura mais que a chama de uma vela.” Cido Rossi, UNESP

Terras de Aiocá – Luciana Colucci, UFTM

Não me abandonem em meio às figuras tristes.

Não me abandonem em meio ao silêncio eterno.

Não me abandonem em meio ao cárcere sepulcral.

Não me abandonem em meio aos vermes.

Não precisam trazer o caixão.

Não precisam trazer as velas.

Não precisam trazer as lágrimas.

Deixem-me apenas ir com o vento...